

Modernidade e Eutanásia*

António Teixeira Fernandes

A humanidade é, na actualidade, cenário de profundas transformações, algumas delas de sentido contrário. Ruem os impérios construídos sobre as mais pesadas servidões e delineam-se outras formas de uma nova ordem internacional; ameaçam as guerras em vários pontos do globo, e a vontade e a determinação em favor da paz são acalentadas pelas diversas sociedades; alarga-se o esforço de desenvolvimento, e a fome e a miséria abatem-se sobre populações inteiras; consagra-se o direito à vida, como um dos mais centrais direitos humanos, e procede-se ao extermínio de populações ou de categorias específicas da população. Toda a época histórica é atravessada pelas suas contradições próprias e animada por dinamismos e ritmos contrastados. Talvez a característica particular do nosso tempo, deste tempo em que se processa uma mudança civilizacional, consista em que estes movimentos de sentido contrário adquirem uma dimensão transnacional, ainda que com alcance diferente no âmbito das diversas sociedades globais. Cada povo vive os problemas à sua estatura, embora a pessoa humana seja irreduzível aos aspectos quantitativos por que se avaliam não raro o poderio e a importância dos países, pois onde está o homem aí está a humanidade. Ao abordarmos o problema da eutanásia, tentaremos situá-lo nesta perspectiva de antagonismos e de desenvolvimentos contraditórios, agravados pela perda da unidade cultural.

Na sociedade contemporânea, assiste-se a uma crescente sensibilidade em relação à questão da eutanásia. O interesse que diversas instituições manifestam em relação a tal fenómeno e o surto de associações tanatológicas no mundo ocidental são razões mais que suficientes para o seu estudo cuidadoso, enquanto se vai constituindo em facto social difuso, e para a actuação de medidas apropriadas por parte de todos,

* Comunicação apresentada ao «Colóquio sobre a Eutanásia», promovido pela Academia das Ciências de Lisboa, de 5 a 8 de Novembro de 1990.

particularmente dos responsáveis pelas coisas públicas. O conhecimento das transformações que conduzem ao seu aparecimento e à sua actual relevância permite-nos compreender o seu sentido para a mentalidade do homem de hoje e a razão pela qual o direito, a ética, a medicina e a sociologia lhe dedicam uma atenção especial.

Este problema, que tanto preocupa as sociedades ocidentais, aparece como uma das consequências normais do desenvolvimento da modernidade ou, se se prefere, como um dos seus efeitos perversos. A modernidade foi vivida sob o signo da libertação. Esta afirma-se nos mais diversos domínios, quer como libertação das leis da natureza, quer como libertação das leis da história. A sua força explosiva provoca e acompanha as revoluções científicas, políticas, económicas e sociais. No decurso destas mudanças, o homem produz ideias e ideais, luta contra fantasmas, idea imagens e sonhos, exorciza múltiplos males e procede à construção de estruturas adequadas à nova mentalidade.

Poderá caracterizar-se a modernidade através de alguns vectores fundamentais: a busca da razão científica, a dominação tecnológica da natureza e da sociedade, e o florescimento de grandes sistemas ideológicos no espaço vazio criado pela secularização.

O ideal humanista vivido pelos espíritos cultos do Renascimento e a procura da racionalidade que o acompanhou animaram a revolução científica que veio a conhecer o século XVII e o esforço de progresso que, desde então, esteve na base das profundas transformações económicas, políticas e sociais do mundo ocidental. Por acção de sucessivas convulsões que, por vezes, abalaram os fundamentos da ordem estabelecida e ceifaram inúmeras vidas humanas, a humanidade alimentou a ideia de uma dominação total das forças, até aí incontáveis, da natureza e a vontade de mudança da sociedade, mediante a aplicação do conhecimento científico. De uma sociedade estática, ordenada em função da estabilidade e da ordem, passa-se a uma sociedade dinâmica voltada para a submissão e fruição da vida. O mundo imaginário, elaborado nesse contexto, vai-se convertendo em realidade e a ordem teórica começa a dinamizar o quotidiano das pessoas. A humanização da sociedade passa a estar ao alcance directo e imediato do homem. A linguagem da natureza que, segundo Galileu, se exprime em caracteres matemáticos, aparece acessível e compreensível, do mesmo modo que as leis sociais são apreendidas e o devir histórico se torna previsível.

O progresso científico é o principal factor da inovação tecnológica. Um dos traços mais característicos das ciências contemporâneas é o facto de serem «artificialistas», de implicarem, como elemento essencial, uma técnica de produção de fenómenos, o que

G. Bachelard designa por «fenomenotécnica». A ciência identifica-se com a razão e encontra na técnica a sua expressão e aplicação próprias. Dominando a natureza, a ciência e a técnica libertam o homem de servidões seculares. Os séculos XVIII e XIX conhecem a euforia de pequenas e grandes descobertas, promovidas tanto a nível individual como à sombra de associações e academias científicas.

A tecnologia materializa e dá corpo à ideia de progresso. A humanidade visualiza o futuro como mundo aberto e em desenvolvimento ilimitado. Transformado em vector de orientação dos séculos XVIII e XIX e alimentado pela ciência e pela técnica, que parecem permitir o crescimento harmonioso da sociedade, o progresso, expresso em descobertas e invenções em numerosos sectores, faz surgir e desenvolver a ideia de que tudo é possível, à medida que se for adquirindo a dominação sobre a ordem natural e social. Conhecidas as leis que regem o universo, aparece ao alcance do homem a capacidade de, sobre ele, exercer um total controlo. A história deixa de estar sujeita a causas aleatórias. O presente é posto sob tutela e o futuro segue um caminho ordenado. O progresso é visto como gerando novo progresso, num encadeamento contínuo, alimentando uma visão optimista que esquece os conflitos estruturais e as mudanças contraditórias.

Com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, o mundo vai perdendo os seus mistérios. A naturalização da ordem existente e a sua substancialização em total autonomia são o resultado de um progressivo desencantamento em relação ao que, outrora, se afirmara como supra-natural. A humanidade havia conseguido, no passado, o equilíbrio do universo natural, através da construção de um imaginário colectivo capaz de abrir horizontes ao espaço fechado das sociedades. Na trama da vida social, entrelaçam-se, por isso, o natural e o sobrenatural, o pecado e a graça, o poder civil e o hierocrático, a vida e a morte. Estas eram realidades contínuas, difíceis de destrinçar, que o processo de secularização separou e autonomizou. A autonomia do temporal faz-se, porém, à custa, primeiro da ruptura, e depois do desaparecimento do sacral.

As relações entre o progresso da ciência e da tecnologia e o apagamento do carácter sacral da existência são estabelecidas, logo desde início, de forma recíproca. O conhecimento científico faz recuar o espaço da sacralidade. Actuam agora forças naturais onde antes se recorria à intervenção do sobrenatural. O enfraquecimento das religiões históricas, na consciência dos indivíduos, reforça, por sua vez, a vontade de procura de um maior conhecimento da natureza e da história.

No vazio criado pela secularização, numa sociedade profundamente transformada tanto nas condições de vida como no universo de representações, surgem e florescem diversas ideologias, frequentemente

convertidas em substitutos funcionais da sacralidade do passado. O ideal do progresso é acompanhado, no plano da justiça e da ética, pelo utilitarismo liberal, que advoga o bem-estar para o maior número, ainda que em prejuízo de largas camadas da população. O princípio militarista, que impregna ainda hoje a mentalidade geral na sociedade ocidental, é responsável, na época paleo-técnica, pela miséria imerecida das classes trabalhadoras e pela pesada dominação que se abateu sobre os países do Terceiro Mundo. Esta situação de exploração provoca o aparecimento de uma outra ideologia, que lhe é contrária. Em nome de um novo humanismo, o socialismo acaba também por cometer as maiores atrocidades contra o homem e por cercear ou limitar os seus direitos civis, políticos e sociais. Na busca de uma outra concepção da sociedade, o homem é reduzido à mais baixa instrumentalização. Face ao consumo generalizado e à sensação de bem-estar social, a que o utilitarismo reduziu a felicidade, surge, na década de 1960, uma outra ideologia que defende o «fim das ideologias». Com a aproximação dos níveis de posse económica e uma relativa igualização de ensejos, pretende-se fazer crer que não há mais espaço para os sistemas ideológicos. À vida humana, reduzida à sua dimensão de pragmatismo e de apatia, resta apenas a via da utopia. Só que o sonho de outros mundos, contrapostos aos que no quotidiano são vividos, exige a elevação acima do simples nível de massa. Ora, unicamente os teóricos e camadas restritas da população poderão talvez «usufruir» dessa situação privilegiada.

A modernidade é vivida como experiência de afirmação da dignidade da pessoa humana e de libertação para a autonomia. Através de sucessivas transformações, de aceleração da mudança e de orientação para um futuro imaginável, introduz rupturas com o passado, alarga o horizonte do possível e alimenta o desejo de emancipação e de libertação do presente. Mas, ao mesmo tempo, faz coexistir o progresso com a miséria imerecida, a libertação com a alienação, o bem-estar com a fome e os limites à vida, e dessubstancializa o homem.

Em tempos bem recentes, a sociedade começou a conhecer os efeitos perversos desses sonhos da modernidade. Para além de Auschwitz e dos Gulags, a experiência da bomba atómica revela a capacidade de destruição colocada nas mãos das potências mais desenvolvidas; Chernobyl dá a conhecer a ambivalência das novas fontes de energia; as armas químicas à disposição dos países do Terceiro Mundo fazem rodear de acrescido sofrimento e desumanidade os conflitos regionais que eclodem por toda a parte; a industrialização desenfreada polui a natureza e altera o equilíbrio do ecossistema humano; a exploração de recursos limitados até à exaustão põe em perigo, no amanhã próximo, a sociedade de opulência que apenas enche a mesa de alguns;

a engenharia genética ameaça a harmonia existente, levando à possibilidade de criação de homens e de sub-homens e potenciando práticas de eugenismo em larga escala.

A dominação tecnológica da sociedade, promovendo o individualismo, provoca a perda da subjectividade humana; atomizando e massificando a vida colectiva, rompe em cadeia os ligames sociais; e lançando o homem na busca da felicidade militarista, deixa-o cair na desumanidade. Como o aprendiz de feiticeiro, o homem desencadeia forças que depois se mostra incapaz de controlar.

No decurso do desenvolvimento da modernidade, produz-se espontaneamente a ideologia do modernismo, a que se juntou ultimamente uma outra ideologia, designada correntemente por pós-modernismo.

Em todo este processo, de múltiplas e sucessivas transformações, é atingido e envolvido o mundo experiencial humano, nomeadamente a subjectividade, a liberdade e a consciência do eu e da morte. Concepção do homem, concepção da sociedade e concepção do destino último, aparecem indissociáveis e constituem uma tríade de relações que não podem ser impunemente alteradas. Se se busca uma sociedade harmoniosa, faz-se surgir a ideia de um homem novo. Procurando outros níveis de humanidade, acaba-se por despeitar o ideal de um ser humano transformado. Estas duas variáveis mostram-se ainda ligadas, ao mesmo tempo como causa e efeito, a um futuro entendido de forma temporalizada ou eterna.

Da confluência desta tríplice concepção — do homem, da sociedade e do destino último — resulta a importância que, no mundo contemporâneo, tem vindo a ser dada à eutanásia. Esta pode ser considerada como um dos efeitos perversos da modernidade, como um dos resultados paradoxais das transformações por que passaram, nos últimos tempos, as sociedades ocidentais. Não se pretende afirmar que a modernidade seja a causa da eutanásia. Somente se sustenta que ela cria as condições que propiciam o seu aparecimento, como resultado não previsto. Propõe, na verdade, metas, indica objectivos e desenvolve mecanismos, sem que possa criar simultaneamente os meios adequados à sua satisfação.

Se se tem em conta a concepção do homem, facilmente se relacionará a eutanásia com o processo de dessubjectivação que, desde há muito, atinge a pessoa humana, concebida como um ser compósito constituído por corpo e alma. Por um lado, a alma humana foi perdendo, pouco e pouco, a sua transcendência. Por outro, segundo Jean Baudrillard, se, «outrora, o corpo foi a metáfora da alma, depois a metáfora do sexo, hoje não é mais a metáfora de nada, é o lugar da metástase, do encadeamento mecânico de todos os seus processos, de

uma programação ao infinito sem organização simbólica, sem objectivo transcendente, na plena promiscuidade de si mesmo que é também a das redes e dos circuitos integrados». O ser humano, reduzido à condição de indivíduo, é progressivamente materializado e reificado, como um puro ente de natureza, sujeito às suas leis próprias. Coisificado e pertencendo à ordem das equivalências, passa a obedecer à mesma lógica de mercado da sociedade de consumo. No entender do mesmo Jean Baudrillard, «a imagem do homem sentado e contemplando, num dia de greve, o seu écran de televisão vazio, valerá um dia como uma das mais belas imagens da antropologia do século XX»¹. Esta será a imagem de um homem vazio num espaço vazio.

Também a concepção da sociedade foi indelevelmente atingida e alterada. Tradicionalmente, havia o primado do colectivo sobre o individual. As relações sociais eram estreitas e densas, ainda que de alcance limitado. De uma visão orgânica, passou-se a uma massificação generalizada, onde o homem se encontra como um ser perdido. Após a construção dos Estados actuais, ele toma-se, na verdade, em grande maioria, transpólitico, isto é, indiferente e apático; depois da revolução industrial, vive sob a ameaça da destruição ecológica; depois do enorme alargamento dos conhecimentos científicos, teme a manipulação e o controlo totais; depois da euforia sentida no processo de constituição de uma sociedade nova, cai na monotonia, na angústia e na incerteza; depois da extraordinária experiência criada pela abertura a outros tipos de sociedade, vive, no entender de Jean Baudrillard, num «pathos necrocultural». Julgando converter-se num ser livre, cava assim, no individualismo estremado, a sua própria servidão voluntária. Com a secularização, perdeu-se, finalmente, o sentido do destino último. O liberalismo elaborou uma moral baseada no princípio da utilidade ou da maior felicidade, em que se releva o prazer e a ausência de dor fora de toda a crença transcendente. Desde então, no entender de John Stuart Mill, «uma coisa não é bem para os seres humanos a não ser na medida em que dá prazer ou em que é um meio para se atingir o prazer ou para se distanciar da dor»². Sem outros referenciais, os próprios meios considerados necessários à realização desse objectivo — a felicidade/prazer — transformam-se em fins. Mas quando, fora do quotidiano, deixou de existir mais além, e o homem, agarrado à sua jangada, perdeu o rumo capaz de o nortear pelos caminhos da existência, a vida deixou de ser mistério e constituiu-se

¹ JEAN BAUDRILLARD, *La Transparence du Mal*, Paris, Galilée, 1990, pp. 15, 32 e 99.

² JOHN STUART MILL, *L'Utilitarisme*, Paris, Flammarion, 1988, p. 114; JEREMY BENTHAM, *The Principles of Morals and Legislation*, New York, Russel & Russel, 1962.

em problema. Desde então, o drama do homem consiste em que, desfazendo-se dos valores culturais do passado, não revela aptidão nem coragem para construir outro imaginário colectivo susceptível de conferir significação às relações sociais, particularmente à conexão entre a vida e a morte, entre esta existência e o que está para além dela. A esperança deixou de ser a energia que dá força ao homem nas suas buscas e que o apoia nos seus cansaços e nos seus desalentos, porque a felicidade sonhada pelo utilitarismo lança o homem num mar de angústias e de frustrações.

Da modernidade, resultam certamente para a humanidade indiscutíveis benefícios. Não pretendemos esboçar uma visão negativa e pessimista da transformação que ocorreu na modernidade. Não se poderá esquecer que, sem ela, não teria sido possível atingir o nível civilizacional que dotou as sociedades de bem-estar e de autonomia. O homem libertou-se de muitas opressões que vinham da natureza e da sociedade; adquiriu um extraordinário conhecimento do mundo; descobriu muitas das leis que o regulam; criou condições mais humanas de vida. Com a libertação do sonho, romperam-se as grilhetas que acorrentavam a vida das pessoas e dos grupos.

Mas, redefinindo e alterando a sua existência, o homem limitou também drasticamente o seu horizonte. Reduzidos à sua pura mundanidade, «os paraísos artificiais do consumo» transformaram-se num verdadeiro «princípio de morte»³. A mudança operada pela modernidade é, aliás, de efeitos contrários. Liberta os espaços, os costumes e os espíritos, e abre o caminho ao crescente desvio social. Desencadeia a concorrência a todos os níveis e produz a destruição do outro como referência natural. Porque as relações sociais são rompidas e o sentido colectivo se apaga, desaparece a verdadeira alteridade e o homem fica encerrado no inferno da mesmidade, numa total alergia social.

A análise que temos vindo a desenvolver, sobre algumas tendências da modernidade, poderá fornecer-nos coordenadas necessárias à compreensão do sentido da eutanásia. Esta aparece associada a uma dispersão de feitos no desenvolvimento das sociedades ocidentais, como tentaremos mostrar de forma mais directa.

1. A eutanásia é uma das consequências directas e naturais do utilitarismo. Definida a felicidade em termos de máxima fruição da vida para o maior número, ainda que à custa da injustiça cometida em

³ JEAN BAUDRILLARD, *O. C.*, pp. 112, 113, 119, 127 e 128. Confirma-se A. TEIXEIRA FERNANDES, «A eutanásia como fenómeno social», in *Revista da Faculdade de Letras*, Universidade do Porto, série Filosofia, n.º 5-6, 1988-1989, pp. 525-536.

relação a muitos, a eutanásia, com a transferência da racionalidade económica para o âmbito geral da existência, leva a concorrência ao seu extremo e advoga a destruição de todos os subprodutos demográficos que são improdutivos ou impedem a utilização dos recursos disponíveis. Esta denegação não se reduz a pôr de lado os que fracassam na luta pela vida, é bem mais radical, pois implica o seu total extermínio. Tendem, por isso, a ser vítimas da eutanásia tanto os velhos e os doentes, como aqueles que as nefastas rodas da fortuna obstam de alcançar êxito. Vai-se generalizando na mentalidade de hoje uma viva sensibilidade de incómodo face a toda a espécie de dependentes, e enchem os consultórios dos psiquiatras homens de meia idade a braços com profundas frustrações. Os primeiros são considerados como estando a mais, os outros, perante o insucesso, têm medo de encarar a existência e, por isso, precipitam, por vezes, a morte. A modernidade, prometendo a felicidade numa terra de abundância, acaba por lançar os indivíduos num espaço vazio, porque essa promessa anda associada a um individualismo extremo e à ruptura dos ligames sociais. O homem depara frequentemente com graves situações que o preocupam e angustiam, e verifica que a ética utilitarista não passa de uma ilusão.

2. A eutanásia é uma das consequências directas e naturais do sonho que anima as buscas da razão. O conhecimento das leis da natureza e a previsão dos fenómenos físicos e sociais estão subjacentes, na modernidade, às sucessivas descobertas da ciência e às diversificadas inovações tecnológicas. O obscurantismo e as trevas ficam do lado do passado. Para o homem do futuro, não haverá mais segredos. Todos os mistérios são desvendados. O indivíduo torna-se o centro da história e lança-se na exploração dos espaços infindos. Esta ânsia de dominação do mundo e de lhe impor a sua vontade leva a humanidade a desacreditar de outras forças que outrora haviam regido o seu destino. Mas dava mais satisfação o mistério que rodeava a vida no passado do que o apregoado conhecimento que abandona o homem às suas limitações e reduz a sua cosmovidência, tanto mais que os progressos da ciência alargam mais a amplitude do desconhecido do que o mundo que revelam. O grande problema está em que não podendo o homem viver sem imaginário e sem mistério, esses sonhos, na era da ciência e da tecnologia, estão ligados à angústia e ao medo. A ciência que abre para o conhecimento de outros mundos e manifesta alguma da complexidade do ecossistema em que vive a sociedade, deixa esta, no entanto, indefesa, porque, no contexto do seu desenvolvimento, é causa e efeito do apagamento de universos de representação que, no passado, ofereciam um sentido à existência.

3. A eutanásia é uma das consequências directas e naturais da ruptura das solidariedades que a vida social havia criado. Através da história, a humanidade conseguiu viver e sobreviver, graças a ligames sociais que foi capaz de estabelecer. Poderá dizer-se que o tecido colectivo era constituído essencialmente por moléculas e não por átomos sociais. A personalidade de cada um aparecia dissolvida nos grupos de pertença. As pessoas viviam mais para as colectividades do que estas para aquelas. O processo de individuação opera-se a ritmo acelerado a partir do Renascimento. As solidariedades são pouco a pouco quebradas, dando origem ao puro individualismo, que torna o homem solitário no meio da multidão⁴. A solidão aparece, em consequência, como uma das características das sociedades complexas, em que cada indivíduo, centrado em si, esquece os outros e vive alheado dos seus problemas. A actividade febril serve a muitos de narcótico para calar a insatisfação interior e as vozes do silêncio, que apenas no silêncio também se ouvem, daqueles que não conhecem qualquer tipo de solidariedade. Segundo Gaston Bachelard, «pour être heureux, il faut penser au bonheur d'un autre»⁵. Ora o que se verifica actualmente é uma certa desconfiança de todos contra todos. Passa-se mesmo a odiar aqueles que constituem ameaça à tranquilidade e ao bem-estar. O homem tem vindo a perder o sentido da sua condição de ser-com-os-outros-no-mundo. Abandonado a si próprio e apagada a sua consciência, os outros deixam de ser para ele espelho, revelação e transcendência. A sociedade humana, dada a força dissolvente do egoísmo, transforma-se em termiteira kafkiana. Os indivíduos, sem uma rede de reciprocidades e de solidariedades, valem pelo que fazem e pelo que produzem. Se são incapazes, é necessário marginalizá-los e aniquilá-los ou, conscientes da sua própria inutilidade, são eles mesmo que se destroem. A eutanásia toma-se assim uma manifestação do alheamento e da solidão em que caíram as pessoas nas sociedades urbanizadas e super-urbanizadas, em que os encontros personalizados são raros e as relações sociais se desenrolam de forma periférica.

4. A eutanásia é uma das consequências directas e naturais da negação da alteridade. O homem, enquanto pessoa, é um ser essencialmente social. Isolado, uma vez feito indivíduo, não encontrando mais no outro o seu reflexo e sua transcendência, vê ameaçada a sua própria consciência. Negada a alteridade, esta reaparece sob a forma do seu contrário, como processo de destruição. O vazio das consciências e as

⁴ DAVID RIESMAN, *La Foule Solitaire*, Paris, Arthaud, 1964.

⁵ GASTON BACHELARD, *La Psychanalyse du Feu*, Paris, Gallimard, 1981, p. 181.

consciências no vazio não suportam nem a transparência dos outros nem a sua anormalidade. O homem actual busca, sem dúvida, ansiosamente a diferença. Esta procura da diferença, aliada ao drama do homem perdido na multidão, sem sentido e sem destino, a ferros nas malhas das burocracias e reduzido a uma peça de uma máquina programada por outros, tem conduzido tanto a novas modalidades de solidariedade como a formas de associabilidade mais ou menos extremas. Mas como nessa busca raramente se encontra a alteridade, é-se apanhado dramaticamente por forças de sentido contrário, de repulsa e de atracção. Sem verdadeira relação humana e sem destino último que dê sentido e esperança à existência, o homem fica exclusivamente entregue a si mesmo. Então, «cada um é o destino do outro e, sem dúvida, o destino secreto de cada um consiste em destruir o outro (ou em seduzi-lo)»⁶. A cultura moderna lança sobre os indivíduos atomizados a responsabilidade exclusiva da sua vida. Solitário e consternado, o outro é o seu inimigo.

5. A eutanásia é uma das consequências directas e naturais da secularização do mundo social e do desaparecimento dos horizontes necessários à existência humana. As religiões históricas potenciam, através do tempo, mesmo quando não atingem a Transcendência, a realização da esperança. Segundo E. Durkheim, «o Deus não é mais do que a expressão simbólica da sociedade»⁷. A religião corporaliza, então, os sonhos dos homens, oferecendo uma abertura de infinito à sua finitude, um lenitivo à dureza da existência, uma consolação às agruras e um sentido às canseiras e às lutas. Ela é também, de facto, um factor produtor de vida e de esperança. Como o homem não pode viver sem representações colectivas e sem significação, recorre aos seus mais variados substitutos funcionais, que igualmente cedo perdem o seu encanto. Mas, sem perspectiva de transcendência — que ela seja transcendência imanente —, os indivíduos a custo se associam hoje em projectos comuns. Estes pressupõem a solidariedade, numa rede de densas relações sociais com um horizonte recheado de promessas. Vai-se perdendo, na verdade, com a crescente secularização, a verdadeira significação da alteridade e a vontade de lutar por algo que valha a pena, para além dos interesses imediatos de natureza mundana. Se o mundo não tem sentido, porque também não há esperança, e se os outros aparecem como distantes e ameaçadores, desperta o espírito de destruição.

⁶ JEAN BAUDRILLARD, *O. C.*, p. 167.

⁷ E. DURKHEIM, *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse*, Paris, PUF, 1968, p. 323.

6. A eutanásia é uma das consequências directas e naturais da crescente perda do sentido da dignidade humana. Concepção da sociedade e concepção do homem implicam-se mutuamente. A falta de solidariedade é sintoma de um novo tipo de relações sociais provocado pelo generalizado individualismo, consequência da atomização social. Existe uma estreita correlação entre este individualismo e a coesão dos ligames sociais e entre tal coesão e a falta de solidariedade. Se se apela actualmente, e de forma tão insistente, para os direitos humanos e para a solidariedade universal, isso é sinal de que a dignidade do homem não é respeitada, não só nas situações de guerra e de crise dos Estados, mas ainda na família, no trabalho e na vida social. O homem deixou de ser um mistério para se transformar em mero problema, encarado e resolvido de acordo com a lógica das sociedades industriais avançadas. De harmonia com a lógica destas sociedades, vale o que é autónomo e factor de produtividade. A eutanásia manifesta, então, a dessubjectivação e a despersonalização que grassam no mundo de hoje, onde cada indivíduo é reduzido à categoria de número e de massa, e em que se confundem aglomeração e barulho com relação pessoal.

A modernidade provoca o desenvolvimento de várias tendências, como o racionalismo, o cientismo, o agnosticismo, o hedonismo individual e colectivo, a atomização e a massificação. Se a dignidade humana é desvalorizada e desrespeitada, a esperança desaparece do horizonte da existência, a solidariedade perde o seu conteúdo, o desejo ilimitado de conhecimento que a ciência promotora deixa o homem a braços com novos e mais terrificantes enigmas, o controlo adquirido sobre a natureza não contém as suas misteriosas forças, e o utilitarismo, que inspira ainda actualmente a sociedade, oferece uma felicidade que não sacia as crescentes aspirações, porque felicidade voltada para o consumo, então a epopeia da modernidade cria a abertura a uma gama de possíveis desenvolvimentos e lança também os indivíduos num mundo de monotonias, de incertezas, de agressões e de violências. A modernidade veicula a ideia de ordem e, em consequência, tende a negar a liberdade a todos aqueles que se apresentam como um perigo para os outros, por não se submeterem às leis, e depois a privar da vida os que se revelam como embaraço ou peso. Mas a aventura vivida pela modernidade conduz também a uma situação de vertigem que se manifesta de modos diversificados. De acordo com as circunstâncias, dá origem a condutas voltadas para a droga, como forma de passividade extrema e de recusa total de empenhamento na tarefa comum de construção da sociedade presente e futura; a actos de terrorismo, como tentativa de negação do jogo político; a acções de violência de toda a ordem, como expressão de esperanças

traídas e das mais diversas frustrações; à prática da eutanásia, como saída sem saída para vidas sem sentido. Um sentimento feito de confusão, angústia e ódio parece ameaçar o mundo actual. A violência de outrora era sacrificial, efervescente e fundadora. A violência moderna é puramente gratuita e mortífera, quer quando é dada em simulacro no écran da televisão, quer quando se revela na actividade colectiva. Este estado de patologia social apresenta diferentes modalidades. No sentimento que motiva condutas de violência, terrorismo e droga, radica, na verdade, igualmente a eutanásia. Não se trata propriamente de cada um poder dispor da sua vida e da sua morte, provocando esta quando a existência deixa de ser fonte de prazer e de felicidade. Trata-se, sobretudo, da possibilidade das instituições e dos grupos poderem decidir o destino dos indivíduos.

Somos protagonistas de uma profunda mudança civilizacional. Alteradas as condições da existência, reformulam-se os projectos sociais, relativizam-se os referenciais éticos, mundaniza-se o imaginário colectivo. Ora toda a transformação profunda da cultura origina efeitos contraditórios. Tanto activa a busca de novas representações e de outras soluções, como faz cair as pessoas no nihilismo, no cepticismo e na desilusão.

A eutanásia constitui indubitavelmente um problema na nossa contemporaneidade. Mas se ela é um efeito perverso da modernidade, há que saber apontar um rumo a cultura, de forma que se reconstituam as solidariedades, se redescubra o sentido da vida, renasça a esperança em algo que transcenda a monotonia do quotidiano, se exorcizem os males criados pela solidão e pela angústia, e se restabeleça a ligação entre a morte e o imaginário colectivo. As sociedades têm à sua escolha uma de duas opções: serem mortíferas ou criadoras de vida.